

# gravuras populares do nordeste

museu de arte moderna de são paulo  
universidade do ceará



maio 1960 ibirapuera são paulo

Proseguindo no programa que a si mesma propôs de colher exemplares das manifestações artísticas populares ainda sobreviventes em todo o Estado, a Universidade do Ceará reuniu recentemente mais de uma centena de peças de xilogravura destinadas ao acervo de seu futuro Museu de Arte Popular. São gravuras anônimas que ilustram as capas e, às vezes, o texto dos folhetos da chamada "literatura de Cordel".

A uma primeira análise, bastante superficial, seria estranhável a permanência dessa forma de expressão "literária" entre o nosso povo, sobretudo numa cidade como Juazeiro do Norte, onde o cinema e o rádio, este principalmente, seriam entraves a essa sobrevivência.

Examinado, porém, o fato à luz das modernas técnicas de observação folclórica, constata-se que o cinema e, mais precisamente, o rádio atuam, muito pelo contrário, como elementos de transmissão dos casos e agem de modo decisivo na elaboração do fato folclórico. Daí explicar-se essa sobrevivência em Juazeiro do Norte e a existência nessa cidade de duas tipografias, prósperas e relativamente bem aparelhadas, editoras exclusivas de milhares desses romances que, espalhados por todo o Brasil, relatam fatos e acontecimentos que os estudiosos ligam aos mais diversos ciclos: do cangaço e dos cantadores ao das lendas árabes das mil e uma noites, passando pelas histórias do Rei Artur e dos 12 Pares de França (Távola Redonda), não esquecendo as trágicas histórias de amor, de tanto sabor popular, bem como o registro de nosso fabulário, dinamizado e ricamente acrescido.

Se a Universidade do Ceará tem, entretanto, inegável interesse na colheita de exemplares de toda essa "literatura", esse interesse se redobra no que tange à xilogravura da capa e das ilustrações, já que o seu desaparecimento, este sim, é fatal e bem próximo: a grande maioria das peças colhidas já está fora de uso, substituídas que foram pela zincogravura, que, perdendo embora a feição popular na confecção do clichê, conserva, todavia, no desenho a ingenuidade de concepção do artista inculto.

Realmente, não se divisará qualquer justificativa na permanência indefinida desse artesanato em região tão próspera, de futuro assegurado e não muito remoto. Estimulo nenhum que não o da pura satisfação criadora poderão ter os novos elementos de uma próxima geração de gravadores, quando outras atividades mais compensadoras e rendosas se lhes apresentarem, e o trabalho árduo e mal remunerado será fatalmente abandonado e esquecido, fazendo-se cada vez mais premente e imperiosa a colheita ora iniciada.

E, assim, o filigranado trabalho (são muitos os gravadores oriundos em madeira de fio, especialmente a imburana e o cedro, a canivete, gilete e ponta de prego, está fadado ao desaparecimento total. Não se verá, pois, — exceto em museus muito especializados e em raras coleções particulares — a identidade entre a gravura cearense de Juazeiro do Norte e a xilogravura anônima medieval, identidade essa não de todo estranha; a um exame menos apressado chega-se a crer que os instrumentos utilizados pelos gravadores do XVI século não seriam tão diversos dos comuns aos xilógrafos de Juazeiro do Norte. O mesmo seja dito em relação à técnica empregada e ao curioso e quase constante emprego da cercadura, sendo ainda oportuno ressaltar, a esta altura, a insistente similitude de traços existentes entre algumas das xilogravuras ora expostas e a gravura oriental, a japonesa, especialmente.

Trabalho verdadeiramente anônimo e até certo ponto considerado acessório de pouca ou nenhuma importância para o acabamento geral da peça "literária", dispensa a assinatura nas melhores exemplares; alguns artistas, e, vez exatamente por este motivo, não os mais genuínos, dão-se ao requinte erudito de uma rubrica, tal como o gravador João Pereira da Silva. A essa aludida pouca importância dada à gravura popular, e de acordo com a pesquisa feita, acrescenta-se que Damásio Paulo, um dos gravadores identificados, produziu as suas melhores peças quando operário da mesma tipografia onde compunha as histórias, muitas das quais de sua própria lavra: gravador eventual, completando apenas o trabalho da casa.

A Universidade do Ceará, dando-se conta da urgência em preservar tão importante material, atesiado inequívoco da cultura de nosso povo, pôs-se a campo e recolheu parte desse curioso acervo do qual uma pequena amostra é dada a conhecer ao público paulistano, através de seu Museu de Arte Moderna.

ANTÔNIO MARTINS FILHO  
Reitor da Universidade do Ceará



CATÁLOGO

- 1 — HISTÓRIA DO VALENTE SERTANEJO ZE GARCIA — Anônimo
- 2 — MARIQUINHA E JOSÉ DE SOUSA LEÃO — A.B.S.
- 3 — (\*) Anônimo
- 4 — LAMPÍAO A VELHA FEITICEIRA — Anônimo
- 5 — GRANDE DEBATE DE LAMPEÃO COM SÃO PEDRO — José Pucheco
- 6 — PERSEGUIÇÃO DE LAMPEÃO PELAS FÓRCAS LEGAIS — João Pereira da Silva
- 7 — PERSEGUIÇÃO DE LAMPEÃO PELAS FÓRCAS LEGAIS — João Pereira da Silva (\*\*)
- 8 — PERSEGUIÇÃO DE LAMPEÃO PELAS FÓRCAS LEGAIS — João Pereira da Silva (\*\*)
- 9 — PERSEGUIÇÃO DE LAMPEÃO PELAS FÓRCAS LEGAIS — João Pereira da Silva (\*\*)
- 10 — (\*) João Pereira da Silva (Retrato de Lampião)
- 11 — ANTONIO SILVINO NO JURI, DEBATE DE SEU ADVOGADO — Walderedo
- 12 — (\*) — Lampião, seus irmãos e Maria Bonita — Anônimo
- 13 — (\*) — (Retrato de Antônio Ferreira, irmão de Lampião) — João Pereira da Silva
- 14 — (\*) — Damásio Paulo (?)
- 15 — (\*) — Damásio Paulo (?)
- 16 — (\*) — Damásio Paulo (?)
- 17 — (\*) — Anônimo
- 18 — (\*) — Anônimo
- 19 — (\*) — Damásio Paulo (?)
- 20 — (\*) — M. R.
- 21 — (\*) — Damásio Paulo (?)
- 22 — (\*) — Anônimo
- 23 — (\*) — B. A.
- 24 — (\*) — Anônimo
- 25 — (\*) — Damásio Paulo
- 26 — (\*) — Damásio Paulo
- 27 — VIDA E MORTE DE JESUS CRISTO — Anônimo
- 28 — HISTÓRIA DE JOÃO DA CRUZ — Anônimo
- 29 — O MEUS DAS ALMAS — João Pereira da Silva — 1932
- 30 — (\*) — Anônimo
- 31 — (\*) — Anônimo
- 32 — (\*) — Damásio Paulo (?)
- 33 — ESMERALDINA E JULIO ABEL — Anônimo
- 34 — HISTÓRIA DE TOINHO E MARIQUINHA — Anônimo
- 35 — HISTÓRIA DE TOINHO E MARIQUINHA — Anônimo
- 36 — HISTÓRIA DE TOINHO E MARIQUINHA — Anônimo
- 37 — (\*) — Anônimo
- 38 — INDIA NECY E JULY — Anônimo
- 39 — (\*) — Anônimo
- 40 — (\*) — Anônimo
- 41 — A FÓRÇA DO AMOR OU ALONSO E MALINA — Anônimo
- 42 — O CASAMENTO DE CHICO MILO E MARIA PELADA — Damásio Paulo — 1945
- 43 — (\*) — Anônimo
- 44 — (\*) — Damásio Paulo (?)
- 45 — O NAMORO MODERNO — Anônimo
- 46 — MILTON E CLIA — João Pereira da Silva
- 47 — NAMORO DE HOJE EM DIA — Damásio Paulo
- 48 — A TRILITE SORTE DE JOVELINA — Damásio Paulo (?)
- 49 — O MERCADOR E O GENIO — Damásio Paulo (?) — 1940
- 50 — O LADRÃO DE BAGDA — Damásio Paulo — 1920
- 51 — A LAMPADA DE ALADIM — Anônimo — 1937
- 52 — A MORTE DOS 12 PARES DE FRANÇA — Anônimo
- 53 — A MORTE DOS 12 PARES DE FRANÇA — Anônimo
- 54 — ROLDÃO NO LEO DE OUBO — Anônimo
- 55 — O PAVÃO MISTERIOSO — Anônimo
- 56 — O PAVÃO MISTERIOSO — Anônimo
- 57 — O BOI MANDINGUEIRO (\*\*)
- 58 — O MACACO REVOLTOSO — Anônimo
- 59 — A INTRIGA DO GATO COM O CACHORRO — Damásio Paulo (?)
- 60 — O CASAMENTO DO CALANGO COM A LAGARTIXA — João Pereira da Silva
- 61 — A FESTA DOS CACHORROS — Walderedo
- 62 — (\*) — Anônimo
- 63 — A RA GANHADEIRA — Damásio Paulo (?) — 1932
- 64 — A VOLTA DA ASA BRANCA E O EXEMPLO DE SERRINHA — Damásio Paulo (?)
- 65 — A VIDA DA BESTA FERA — Damásio Paulo
- 66 — O CASAMENTO DE LUSBEL E OF SOFRIMENTOS DE MARIA ALICE E O SEU TRIUNFO AJUDADO PELO SEU ANJO DA GUARDA, OU A HISTÓRIA DA JUMENTINHA E MARIA ALICE, A MOÇA QUE ENGANADA CASOU-SE COM O DIABO — Damásio Paulo (?)
- 67 — (\*) — Damásio Paulo (?) 1932
- 68 — O CAPA VERDE — Damásio Paulo — 1922
- 69 — PERO ATE LASCAR O CANO — Anônimo
- 70 — DISCUSSÃO DE UM ROMEIRO COM UM PROTESTANTE — Anônimo
- 71 — (\*) — Anônimo
- 72 — O DOCTOR RAIZ — Anônimo
- 73 — POR QUE FAZ MEDO CASAR — Anônimo
- 74 — DESCRIÇÃO DAS MULHERES CONFORME OS SEUS SINAIS — Anônimo
- 75 — (\*) — Anônimo — 1937
- 76 — (\*) — Anônimo
- 77 — (\*) — Anônimo
- 78 — CABÓCLO NA HORA DA CONFISSÃO — Anônimo
- 79 — (\*) — Anônimo
- 80 — A CIGANA ESMERALDA — João Pereira da Silva
- 81 — (\*) — Anônimo
- 82 — (\*) — Anônimo
- 83 — (\*) — Damásio Paulo (?)
- 84 — CANÇÃO DE FOGO — Anônimo
- 85 — O MATADOR DE FERRAS — Damásio Paulo
- 86 — O MENINO DA FATA — Damásio Paulo
- 87 — O FRIGELO DA SECA DE 1933 — Anônimo
- 88 — (\*) — Anônimo
- 89 — OS MARTÍRIOS DE ROSA DE MILÃO — Damásio Paulo (?)
- 90 — OS MARTÍRIOS DE ROSA DE MILÃO — Damásio Paulo (?)
- 91 — (\*) — Anônimo
- 92 — (\*) — Damásio Paulo (?)
- 93 — HISTÓRIA DO SOLDADO ROBERTO E A PRINCESA DO REINO DE CANAN — Anônimo
- 94 — (\*) — Anônimo
- 95 — (\*) — Anônimo
- 96 — O HOMEM QUE DEU A LUZ A UM MENINO — Damásio Paulo
- 97 — NAVAL AL TESOURA E FO — Anônimo
- 98 — A CARISTIA MUNDIAL — Damásio Paulo
- 99 — (\*) — Damásio Paulo — 1950
- 100 — A MUDANÇA DO TEMPO E A VIDA MODERNA — Damásio Paulo
- 101 — A MOÇA QUE VIROU CACHORRO — Damásio Paulo (?)
- 102 — A MORTE DE ANTONIO FARIAS — Walderedo — 1956
- 103 — O CACHORRO DOS MORTOS — Damásio Paulo
- 104 — (\*) — Anônimo
- 105 — AVANÇO ALIADO (?) — Anônimo
- 106 — TEEU, O HEROI DO LABIRINTO — Damásio Paulo
- 107 — (\*) — Anônimo
- 108 — (\*) — Anônimo
- (\*) — Título de "romance" não identificado
- (\*\*) — Ilustração de texto

Nota — Os nomes que se seguem aos títulos são os dos gravadores.  
A ortografia seguida é a original.

DAMASIO PAULO — Nasceu em Juazeiro do Norte, onde reside por muitos anos. Tipógrafo, poeta e gravador. Operário na Tipografia São Francisco, de propriedade de José Bernardo da Silva. Muitos dos "romances" publicados por aquela editora são de sua autoria. Atualmente, vive, segundo sua interior de Minas Gerais, em localidade não precisada.

JOAO PEREIRA DA SILVA — Nasceu em Juazeiro do Norte. Durante muito anos trabalhou para a tipografia São Francisco. Hoje, com mais de 60 anos, não exerce qualquer atividade, especialmente a de gravador.

WALDEREDO — Nasceu em Juazeiro do Norte. Gravador eventual.

M. R. — Não identificado.

B. A. — Não identificado.